

Leitura da Literatura - demandas e percursos – (algumas considerações)

Resumo

Este texto se abre apontando para um possível diálogo entre o título e a epígrafe apresentada. Em tal perspectiva dialógica, é importante que se enfatize, desde o título, a questão da linguagem literária, suas demandas e percursos de leitura – então sinalizados no fragmento poético acima.

Assim, em consideração inicial, são abordados mecanismos da expressão literária que, na verdade, envolvem uma linguagem que é, por natureza, plural, múltipla, capaz de nos mostrar suas “mil faces secretas”. E tal multiplicidade de faces constitui o perene desafio que marca todo o trabalho de desvelamento do texto literário, em cuja trajetória de demandas e descobertas a pergunta “trouxeste a chave?” torna-se recorrente.

A chave que move a ‘fechadura’ do texto literário não deve ser procurada apenas no texto em si, ou seja, no elemento linguístico apresentado no seu aspecto vocabular e semântico. Esta ‘chave’ deverá ser encontrada nas entrelinhas e interstícios das palavras que compõe o texto. Nestes espaços aparentemente ‘vagos’, ‘lacunares’ podem ser encontrados os caminhos essenciais para se chegar a um espaço de proveitosa interlocução com a linguagem literária.

Palavras chave: linguagem, educação, literatura, linguística

Abstract

This text opens pointing to a possible dialogue between the title and the word appears. In such a dialogical perspective, it is important to emphasize, from the title, the question of literary language, their demands and reading paths - then flagged the poetic fragment above.

Thus, on initial consideration, are discussed mechanisms of literary expression that actually involve a language that is by nature plural , multiple , able to show us their " secret thousand faces." And such a multitude of faces is the perennial challenge that marks all the work of unveiling the literary text , in whose path discovery demands and the question " brought the key ?" becomes recurring.

The key that moves the ' lock ' the literary text should not be sought only in the text itself , in the other words, the linguistic element displayed on your vocabulary and semantic aspect . This ' switch ' should be found between the lines and interstices of the words that compose the text. In these spaces apparently ' vacants ' , ' gaps ' can be found the essential paths to reach an area of fruitful dialogue with the literary language .

Key Words: language, education, literature, linguistics

LEITURA DA LITERATURA - demandas e percursos – (algumas considerações)

(.....)
*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade¹

Incursões na Linguagem Literária

Este texto se abre apontando para um possível diálogo entre o título e a epígrafe apresentada. Em tal perspectiva dialógica, é importante que se enfatize, desde o título, a questão da linguagem literária, suas demandas e percursos de leitura – então sinalizados no fragmento poético acima.

Assim, em consideração inicial, são abordados mecanismos da expressão literária que, na verdade, envolvem uma linguagem que é, por natureza, plural, múltipla, capaz de nos mostrar suas “mil faces secretas”. E tal multiplicidade de faces constitui o perene desafio que marca todo o trabalho de desvelamento do texto literário, em cuja trajetória de demandas e descobertas a pergunta “trouxeste a chave?” torna-se recorrente.

A chave que move a ‘fechadura’ do texto literário não deve ser procurada apenas no texto em si, ou seja, no elemento linguístico apresentado no seu aspecto vocabular e semântico. Esta ‘chave’ deverá ser encontrada nas entrelinhas e interstícios das palavras que compõe o texto. Nestes espaços aparentemente ‘vagos’, ‘lacunares’ podem ser encontrados os caminhos essenciais para se chegar a um espaço de proveitosa interlocução com a linguagem literária.

Parece oportuno, neste ponto, explicitar melhor os ‘caminhos’ desse ‘percurso’ do leitor. Eles se concentram no próprio leitor, na sua trajetória de experiências e vivências no mundo, na realidade que ele vive no dia a dia. Neste sentido, o ‘conhecimento prévio’ do mundo de cada leitor torna-se importante estratégia que, de certa forma, o guia nas suas demandas e incursões no texto literário. Aqui vale citar AGUIAR (1988), quando considera as atividades de leitura e leitor do texto literário:

A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. Assim, a literatura se torna uma reserva de

¹ Procura de Poesia. In *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973.

vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade.

Nesse sentido, são pertinentes algumas comparações que podem ilustrar esses ‘caminhos da reconstrução’, via leitura, do universo simbólico da literatura.

A primeira comparação que ocorre indica que a linguagem literária é como um ‘grande espelho’ através do qual o leitor, no seu contato com o texto, cria a possibilidade de rever a realidade que o cerca, aguçando o seu nível de percepção do mundo. Mas é preciso entender que esse grande espelho é, na verdade, um ‘conjunto de fragmentos especulares’, ou seja, trata-se de um ajuntamento de fragmentos que vêm a representar a ‘perspectiva de leitura’ de cada leitor. Cada fragmento contém a experiência, a vivência e o conhecimento prévio de mundo que os mais diversos e diversificados leitores vão trazendo para as páginas do livro – do texto literário. Daí a imagem do ‘grande espelho’ nos parece concentrar a ideia do texto literário como um ponto capaz de reunir todos os fragmentos de espelhos, onde perpassam olhares que tentam, permanentemente, em diferentes ou iguais pontos de vista, refletir o mundo, a realidade. Esses múltiplos fragmentos formam o ‘grande espelho’, mas nenhum fragmento, na sua particularidade, conseguirá abranger o todo da visão desse espelho. Mesmo a visão ‘em soma’ de vários fragmentos, apesar de oferecerem maior riqueza de perspectiva, não atingem a visão do todo especular. Ou seja, o espelhamento da realidade total, a interpretação completa, acabada de um texto literário é tão-somente uma ‘situação ideal’. E o ‘leitor-modelo’, portador de uma interpretação acabada, só existe como ideal que jamais será atingido.

Neste sentido de incompletude, uma outra comparação recorrente se fixa na lenda do Santo Graal, segundo a qual os Cavaleiros da Távola Redonda (Rei Artur e seus companheiros de aventuras) se embrenham nas florestas em busca do ‘Cálice Sagrado’. Como os cavaleiros, os leitores do texto literário penetram as florestas das palavras, em busca de um sentido, de uma interpretação do texto. Vale, aqui, lembrar que, segundo a lenda do Santo Graal, apenas um dos cavaleiros – Galahad – descobriu e teve acesso ao Cálice Sagrado. Por esta razão, ele foi alçado à categoria sobre-humana. Conta a lenda que Galahad foi visto por seus companheiros em ascensão aos céus, de posse do Cálice. Mais uma vez, registra-se nesse episódio um espelhamento entre a lenda e os percursos dos leitores em busca do sentido do texto literário. A elevação de Galahad ao nível de um ‘semi-deus’, portanto, ‘acima da condição humana’ reflete o “leitor-modelo” ou “leitor-ideal”, na medida em que este leitor é tão-somente um ponto a ser atingido, mas que nunca atinge o ápice do sentido do texto literário – espaço de inúmeros caminhos e das mais diversificadas perspectivas, dos mais variados olhares.... O sentido total de um texto literário é algo inatingível, tal como é para nós inatingível o sentido da própria vida, do próprio mundo.

Por fim, mais uma comparação que pode ilustrar essa relação do leitor com a leitura literária pode ser encontrada na obra *Don Quixote*², de Cervantes, onde o personagem, em busca do sentido das coisas, faz um caminho diferente do percurso que fazemos na leitura: ele lê o livro e sai mundo à fora, em postura cética, procurando realidades correspondentes exatamente àquilo que ele leu. Os fragmentos a seguir demonstram isso:

E com estes ia tecendo outros disparates, todos pelo teor dos que havia aprendido nos seus livros, imitando, conforme podia, o próprio falar deles (*personagens*). E com isto caminhava tão vagaroso, e o sol caía tão rijo, que de todo lhe derreteria os miolos se alguns tivera. (p.36) Perguntou-lhe se trazia dinheiros. Respondeu-lhe Dom Quixote que não tinha prata porque nunca tinha lido nas histórias dos cavaleiros andantes que nenhum os tivesse trazido. (p.42)

Na verdade, o tipo de ‘leitura’ demandada indica que o leitor da literatura, na maior parte das vezes e ao contrário de Dom Quixote, leva para o livro suas vivências, seus conhecimentos prévios da realidade. Assim, nas páginas desse livro, o leitor vai descobrindo fragmentos da própria vida, da sua própria experiência no mundo. Realiza-se, desse modo, a convergência de dois mundos: a do mundo real, vivida/experimentada pelo leitor, e a do mundo ficcional, presente nas páginas do livro e que contém fragmentos do mundo real, com situações - às vezes mais, às vezes menos- mas sempre coincidentes com a realidade do leitor. É nessa convergência que a linguagem literária se redimensiona e oferece possibilidades múltiplas na sua geração de sentidos.

Essas três comparações que ilustram o universo da leitura reforçam a imagem da “chave” com a qual se pretende ‘abrir’ o texto literário e que está diretamente relacionada com o conhecimento de mundo e com as experiências do leitor. Tal conhecimento e tal vivência estão atrelados não apenas a fatos e contextos em que o leitor esteja inserido: elas incluem também a experiência de leituras de outros textos, de olhares e relatos ouvidos de terceiros sobre a vida social, política e cultural que estão no seu entorno. Novamente é oportuno lembrar a comparação do texto literário com um grande espelho, cujos fragmentos refratam/refletem a realidade que cerca os leitores. Neste ponto, vale a abordagem de AGUIAR (1988, p.14), quando afirma que

A linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana. O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com outros homens de tempos e lugares diversos.

A metáfora da ‘chave’, na epígrafe, permite considerações no que diz respeito ao descobrimento de mundos que surgem após o acionamento dessa chave e a consequente ‘abertura de portas’. Também as ‘mil faces’ citadas no texto epigrafoado poderiam ser as ‘mil chaves’ – ou ‘mil portas’ que se abrem – numa referência aos níveis, tipos e modos de leitura realizados pelo universo de leitores.

² CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. Trad. Visconde de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L & PM, 2006.

Vale, ainda, destacar o fato de que, diante da linguagem literária, o mais importante e relevante é o percurso da leitura. Neste percurso estarão em seqüência as demandas e descobertas, de tal forma que cada resposta a uma pergunta, de repente, se constitui em uma nova pergunta, numa permanente dinâmica. Vê-se, pois, que o sentido de uma obra não tem existência prévia: ele se constrói a todo momento, através de novos questionamentos que ela provoca. É essa pulsão provocativa da busca de sentido que pereniza a obra de arte, em geral e, mais especificamente, a obra literária. É isso que justifica o fato de obras, como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, *Hamlet*, de William Shakespeare, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa – dentre muitas outras – estarem aí, na mira de releituras, como objeto de estudos críticos, em congressos, seminários, palestras – atividades que demonstram permanentemente a busca por novos olhares, novos pontos de vista. Ou seja, tais obras, embora criadas em tempos anteriores, são constantemente ‘atualizadas’ por essa pulsão por novos sentidos, por ressignificações, pelo espelhamento em novos fragmentos – só para lembrarmos a comparação do espelho.

Focalizando Algumas ‘Chaves’ nos Percursos de Leitura

Abordando a questão da leitura e dos percursos do leitor pelo texto literário, AGUIAR (1988) considera que

A leitura pressupõe a participação ativa do leitor na constituição dos sentidos linguísticos. Vilém Flusser, pesquisando a etimologia do verbo LER, observa que vem do latim – *legere* – que significa o gesto de catar (picar grãos, como galinhas o executam). Ler significa escolha aleatória de elementos tirados um por um do seu contexto, os elementos do tipo “letra” ou “cifra”.

Todo texto literário é dotado de senhas e modos de acionar as ‘chaves do sentido’. Isto requer um leitor atento para o fato de nem sempre as sinalizações dos sentidos se concentrarem nas palavras. Em se tratando de um espaço compacto e complexo, onde se articulam as ‘mil faces’ das palavras (e seus interstícios), o texto literário pode levar o leitor para além da palavra, para os seus interstícios, onde pode ocorrer a geração de sentido; isso quando o sentido não repousa no próprio contexto de produção da palavra. A linguagem literária é, por isso, um compósito de linguagens verbais e não verbais, que estão em constante articulação. Clarice Lispector nos dá a dimensão do fenômeno literário quando afirma que

As palavras me antecedem e me ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou pelo menos não era isso apenas. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.³

³ Apud MAGNANI, Maria do Rosário Mortati. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.1

A análise minuciosa de cada um dos possíveis mecanismos de expressão literária ultrapassa as pretensões encaminhadas neste texto. O intuito, aqui, é tão-somente propiciar aos leitores desta matéria a constatação de que as ‘pistas do sentido’ não estão imanentes apenas no signo lingüístico, mas no somatório deste com outros sinais (signos), principalmente com aqueles advindos da leitura/compreensão prévia do mundo com a qual se apresenta o leitor.

Portanto, sem a pretensão de abordar *in toto* a hermenêutica e a fenomenologia literárias, são apontadas, a seguir, algumas ‘chaves’ através das quais torna-se possível ‘adentrar’ o texto literário, iniciando o percurso em busca de seu sentido. Dentre muitas outras, podem ser citadas:

- *A recorrência aos títulos de obras e aos nomes de personagens*

Normalmente os títulos e os nomes das personagens, no romance, ainda que importantes, não despertam tanto a atenção dos leitores. Há que se notar, entretanto, que tais componentes romanescos podem trazer um investimento semântico significativo.

É o caso, por exemplo, da obra “Não verás país nenhum”, romance de Ignácio de Loyola Brandão. O leitor se sente instigado a saber o porquê desse inusitado título, que já pode despertar uma postura inquisitória. Uma ligeira passagem pelo contexto político e social em que essa obra foi produzida, poderá colocar o leitor diante de uma época de ditadura militar, de extrema opressão vivido pela sociedade brasileira. Isto, talvez, possa explicar o “país nenhum” do título, postura crítica e denunciadora do autor em relação à situação vivida. Mas essa leitura se aprofunda mais em seu significado, quando o leitor percebe no citado título o recurso da intertextualidade, através do qual o autor procede a uma paródia do texto original – um poema de Olavo Bilac – pródigo em loas à pátria, numa postura ufanista do poeta, que assim se expressa: “*Ama com fé o orgulho a terra em que nasceste / Criança, não verás país nenhum como este (...)*” Como se vê, o “corte” operado pelo autor do romance produz um efeito de sentido que engloba, ao mesmo tempo, ironia, negação e denúncia, diante do contexto vivido pelos brasileiros àquela época de sofrimento e opressão da ditadura militar.

Por outro lado, vale destaque uma rica multiplicidade de nomes significativos que se espalham nas páginas romanescas. Habitam a teia ficcional de Machado de Assis, por exemplo nomes expressivos, tais como o de *Dona Severina* (do conto “Uns braços”), *Eugênia e Virgília* (do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”). O primeiro – Severina – ao trazer na etimologia as palavras “severa” e “severidade”, acaba por construir uma alusão irônica ao comportamento da personagem, pois que, afinal, *Dona Severina*, em algum momento da narrativa, tem sua ‘severidade’ e seriedade de esposa fiel e dona de casa dedicada comprometidas quando faz brotar (ainda que em fantasias) a mulher carente e desejosa de prazer, diante dos apelos do jovem Inácio, que a cortejava com os olhares juvenis. Nesse mesmo diapasão de fina ironia são construídas as

duas personagens femininas em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. *Eugênia*, cujo nome tem na etimologia o significado de “bem nascida”, “nascida perfeita”, é coxa e movimentada-se mancando. Acentua-se mais a referência irônica ao nome, quando este se coloca em contraponto com a origem da personagem, que é fruto de uma relação adúltera do pai e de uma aventura da mãe – em uma época fortemente marcada pelo preconceito às mães solteiras. Eugênia é, ao longo do romance, ironicamente chamada pelo narrador de “flor do lodo”, em referência direta à origem da moça. Já “*Virgília*” chama a atenção por ser um nome pouco comum. Mas, na sua família etimológica, o nome mantém aproximações com “vigília”, “vigilante” e “virgem”; e isto constrói novamente a referência irônica do narrador em relação à personagem, na medida em que a mesma está, no decorrer da narrativa, sempre em ‘estado de alerta, de vigilância’, a fim de não ser flagrada no delito de traição, da vida libidinosa paralela ao seu casamento, vivida como amante de Brás Cubas.

- *Construção de alegorias*

Trata-se de importante mecanismo de expressão do texto literário. A alegoria tem como principal função o disfarce, a dissimulação. É um discurso que ‘faz entender outro’. A literatura é pródiga em exemplos dessa figura retórica. Só para se fixar em alguns exemplos, dentre uma gama de outros, podem ser citadas, *em passant*, alegorias presentes em “*A ordem do dia*” e “*Agosto*”-romances produzidos nas décadas finais do século XX. Em “*A ordem do dia*”, de Márcio de Souza, a narrativa centra-se em relatos sobre estranhos aparecimentos de ÓVNIS e seres de outros planetas (os “chupa-cabras”) na região amazônica; concomitantemente a esses acontecimentos, na sede do Governo brasileiro, em Brasília, ocorrem fenômenos do *poltergeist*. Os relatos de tais ocorrências trazem relação com o contexto sócio-político vivenciado pelo povo brasileiro, então subjugado pela ditadura militar. O narrador da obra serve-se, então, do recurso alegórico (invasão dos “OVNIs e ETs” e *poltergeist* em Brasília) para desvelar e denunciar não só a situação de opressão do regime militar, como, ainda, permitir uma incursão no tema da tão decantada exploração e devastação da Amazônia, representada pela presença de estranhos e exploradores (“chupa-cabras”). A exploração do minério, assim focalizada na ótica da alegoria, já na época da produção da obra romanesca, sinalizava para a presença de ‘estrangeiros’ em terras brasileiras e para a escravização do povo nativo.

Já em *Agosto*, de Rubem Fonseca, o narrador traça alegoricamente o quadro de um Brasil em franca decadência política e social, que atinge setores públicos e privados, deixando à mostra a desfaçatez com que políticos e empresários praticam ousadamente o ilícito, através da corrupção política, empresarial, moral e de assassinatos. Todo esse quadro se coloca, alegoricamente, como ‘pano de fundo’ de uma profunda crise política e institucional no governo. As cenas finais – com o

suicídio do Presidente Vargas e o assassinato do detetive Matos – revelam que ambos, de certa forma, são ‘vitimados’ pela podridão que se alastra pelo sistema e atinge o país como um todo.

- *Transfiguração do cotidiano via linguagem*

A partir do Modernismo, principalmente, quando se apresenta como uma de suas principais tendências estilísticas, esta ‘chave’ constitui um dos investimentos da linguagem literária. Esta transfiguração se inclui tanto em textos de prosa, que têm em Guimarães Rosa e Clarice Lispector seus epígonos, quanto em textos da poesia, onde se apresentam diversos poetas, dentre os quais merecem destaque Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Do primeiro, citamos, a título de exemplo, o *Poema Tirado de Uma Notícia de Jornal*⁴:

“João Gostoso era carregador de feita livre e morava no morro
[da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.”

É importante focalizar neste poema a sua linguagem despida de qualquer ornamento verbal. A mesma simplicidade que reveste esta linguagem se estende ao personagem retratado no poema.

Além disso, vale destacar que no aspecto da sintaxe de regência, o poema oferece algo “instigante”, que pode ser a ‘chave’ de leitura: a colocação isolada dos verbos e a ausência de complementos dos mesmos: Bebeu o quê? Cantou o quê? Dançou com quem? Há uma certa evidência na relação entre o isolamento dos verbos nas estrofes e o próprio isolamento da ação e, por extensão, do personagem focalizado. Com efeito, o que passa a fazer sentido é a imanência do discurso do sentimento da solidão humana que vem a provocar o ‘aniquilamento’, o afogamento do João nas águas da morte...

Percebe-se, ademais, que a transfiguração de um gênero (notícia de jornal que vira poema) implica a ‘transfiguração do próprio sentido’, pois que um fato corriqueiro que só teria significado em si mesmo, como um simples notícia do dia a dia, adquire uma dimensão universal: cresce a perspectiva de significação, na medida em que o poema fala da ‘tragédia’ que representa a solidão para o ser humano em geral. Aqui, o individual, local e datado passa a ser universal sem as marcas do tempo cronológico – a marca do sempre.

- *Hermetismo na forma*

Ao contrário do que possa parecer ao leitor desavisado, o hermetismo da linguagem (forma) não deve ser um obstáculo para a ‘abertura’ do sentido no texto literário. Na maioria das vezes, a consulta ao dicionário não se faz suficiente... Quem sabe, é o próprio narrador ou o eu-

⁴ BANDEIRA, Manuel. *Poema Tirado de Uma Notícia de Jornal*. In *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974

lírico que estão, propositalmente, dizendo ao leitor que tal forma de linguagem é uma sinalização de que a forma ‘fechada’ trabalha no sentido de espelhar o próprio fechamento do narrador ou eu-lírico, num espelhamento direto de seu estado de alma e na indicação de sua atitude diante do contexto da obra produzida. Esse hermetismo da forma tornou-se um recurso de expressão adotado por correntes estéticas do Modernismo, criando possibilidades de leituras variadas. Como já se afirmou acima, há leitores que, diante da forma hermética, acreditam na eficácia de um bom dicionário, desprezando, muitas vezes, a ‘leitura’ sugerida no próprio hermetismo, ou seja, o narrador ou eu-lírico querem sinalizar que o ‘horizonte está fechado’, sem perspectivas. Entretanto, a fim de se ter uma sincronização com esse tipo de linguagem, é importante que o leitor se coloque no cenário, no contexto, na situação de produção do texto. Na poesia de Drummond, por exemplo, a tendência ao hermetismo se acentua, principalmente no contexto do Pós-Segunda Guerra Mundial, num cenário de ‘escombros’ – tanto externos, entrevistados nas destruições das cidades, quanto internos, na desolação, na ‘corrosão’ da esperança na mente e no coração dos homens, na revolta e no sentimento de perda e de inutilidade em que se transformou a própria vida... É neste contexto que a sua voz poética tenta comunicar algo que está confuso no seu íntimo, ou algo que se perdeu com a guerra e que essa voz tenta recuperar. É o grande espelho da realidade refletido nos ‘cacos’ apresentados nos poemas drumonianos dessa época, a exemplos dos fragmentos abaixo, extraídos de *Claro Enigma*⁵

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler
(.....)
Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará : tiro no muro
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.
(In OFICINA IRRITADA)

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
Muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

(In SONETILHO DO FALSO FERNANDO PESSOA)

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro : Companhia Nova Aguilar Editora, 1973.

Há que se observar, nos fragmentos citados, que a linguagem (forma) se faz mais clara, quando o eu-lírico confessa sua intenção de fazer um poema ‘difícil de ler’. No mais, o que se nota é uma sequência de versos de difícil apreensão – quando lidos APENAS na sua forma linguística.

Ao final dessas considerações, vale a pena reiterar as significativas contribuições do conhecimento de mundo – das vivências, experiências de vida - que o leitor traz para o texto literário, além, é claro, de certa experiência de leitura. Tudo isso é muito importante nos processos de leitura, interpretação e compreensão da linguagem da literatura. É sempre oportuno, neste sentido, lembrar que a aquisição das ‘chaves’ que abrem os sentidos dessa linguagem ocorre de maneira contínua, paralelamente às nossas trajetórias no mundo. A eficácia das ‘chaves’ se mostra na confluência de nossos percursos - na vida e no livro.

Neste sentido, citando, mais uma vez o poeta Drummond, é sempre importante e oportuno lembrar que

Lutar com palavras
é luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In Obra Completa, vol. I, 4 ed.. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- _____. *Uns braços*. In Obra Completa, vol. II, 4.ed.. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 5 ed.. São Paulo: Cultrix, 1988.
- NETO, Agostinho Vieira. *Imagens de Vila Rica/Ouro Preto no espaço narrativo: uma leitura intersemiótica de “Os sinos da agonia” e “Boca de Chafariz”*. 1996. 137 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- PUC-MINAS, Belo Horizonte.
- Reaulo, Ed. n. 40, janeiro/2012.